

**O PAPEL DA ESCRITA NA FUNDAÇÃO DA LINGUÍSTICA MODERNA:  
UMA LEITURA DOS CURSOS AO CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL<sup>1</sup>**

**THE ROLE OF WRITING IN THE FOUNDATION OF MODERN  
LINGUISTICS: THE MOVEMENT FROM THE COURSES TO THE COURSE OF  
GENERAL LINGUISTICS**

Bruno Turra<sup>2</sup>

Universidade Estadual de Campinas

**Resumo:** Este texto apresenta uma análise do papel da escrita na fundação da linguística moderna a partir da leitura do *Curso de linguística geral*, bem como dos materiais que o originou, quais sejam, os cadernos dos alunos, algumas folhas manuscritas de F. de Saussure e a *Collation* de Albert Sechehaye. Essa leitura localizou três movimentos de Saussure com a escrita: um primeiro movimento em que a escrita é excluída do que compunha o objeto linguístico da época, construído sobre as bases da filologia; o segundo movimento se caracteriza por um novo destino à escrita: a escrita como notação científica, passando então de objeto a instrumento do linguista; o terceiro movimento é estabelecido sob a égide da semiologia, em que a escrita deixa de ser pensada como subordinada à língua e passa a ter estatuto de sistema, comparecendo, inclusive, na formulação do que se constituirá como o cerne do pensamento saussuriano, a teoria do valor.

**Palavras-chave:** escrita; história das ideias; Saussure, CLG.

**Abstract:** This is an analysis of the role of writing in modern linguistics foundation. The analysis is based on the Course of General Linguistics, as well as in the material that has originated it, i.e. the students' notes, some of Saussure's manuscripts and Albert Sechehaye's *Collation*. The gesture of interpretation hereby carried out has identified three movements from Saussure regarding writing. The first one in which writing is excluded from the linguistic object of that time, built on philological basis; the second movement constitutes a new destination to writing: writing as scientific notation, no longer being the object but now the instrument of linguistics; the third movement is established under the umbrella of Semiology, in which writing starts to be understood as a system and not subordinated to the language [*langue*] as before. When comprehended as a system, writing became crucial to what would constitute the core of Saussurean thinking, the theory of value.

**Key words:** writing; history of ideas, Saussure, CGL.

---

<sup>1</sup> Este texto apresenta alguns dos gestos de leitura desenvolvidos em minha tese de doutorado intitulada "Ferdinand de Saussure e seu saber fazer com a escrita ou do que se circunscreve de um enigma", sob orientação do prof. Dr. Lauro José Siqueira Baldini, com estágio sanduíche sob a supervisão do prof. Dr. Christian Puech e financiamento da Capes.

<sup>2</sup> Doutor em Linguística pela Unicamp, com estágio doutoral na Université Sorbonne Nouvelle – Paris 3 – e no Laboratoire d'Histoire des Théories Linguistiques (LAB-HTL). Mestrado em Letras Modernas pela USP e graduação em Letras – Português/Inglês – pela UFSCar. É psicanalista, participante do Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo, professor de português para estrangeiros e integrante dos seguintes grupos de pesquisa: Língua Estrangeira, Discurso e Identidade (LEDI-USP); Outrarte - psicanálise entre ciência e arte (Unicamp); Grupo de Pesquisa em Aquisição de Linguagem (GPAL-Unicamp); Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure (UFU). E-mail: bruno.m.turra@gmail.com.

**Submetido em 28 de julho de 2020.**

**Aprovado em 05 de agosto de 2020.**

## **Introdução**

Neste artigo, faço uma leitura dos movimentos de Ferdinand de Saussure e de Charles Bally e Albert Sechehaye, os editores do *Curso de linguística geral* (CLG), no que concerne à compreensão da escrita e seu papel no que se estabeleceu como a fundação da linguística moderna. Esse gesto interpretativo se dá a partir daquilo que Gadet (1987) chama de circulação dos textos saussurianos. Em outras palavras, meu exercício aqui é observar redes de sentido que podem se estabelecer num movimento de leitura que se instaura entre os cadernos dos alunos que frequentaram os cursos de linguística ministrados por Saussure entre 1907 e 1911 e o que se publicou, em 1916, na edição de Bally e Sechehaye.

Com esse gesto circular, descarto, de início, a busca por um suposto verdadeiro Saussure, aquele que proferiu as aulas e que teria sido deturpado na edição do CLG, uma visada que desqualifica o livro de 1916. Se não descarto ou desqualifico o livro, também não o tomo como monumento unívoco, marco zero da linguística moderna. Há alguns cuidados a se tomar. A “invenção” do CLG não se deve apenas a seus editores, “mas a todos os leitores do texto que o colocaram à disposição e o puseram em circulação, conferindo-lhe assim um estatuto de quase-objeto semiológico”, fazendo com que fosse, ele próprio, “uma ferramenta histórica de ‘disciplinarização’ de saberes linguísticos para o século XX”<sup>3</sup> (PUECH, 2000, p. 5).

Além disso, alinho-me às reflexões de Puech (2008, p. 1096) ao compreender o CLG enquanto “matriz projetiva e produtiva”, ou seja, tendo sido construído historicamente como uma ferramenta de disciplinarização da linguística, o CLG se coloca como ponto central para diversos projetos científicos. Com essas considerações acerca do livro de 1916, uma leitura que desconsidere, portanto, o CLG não se sustenta pois não invalida o que se produziu a partir dele. O CLG se constitui, também, por seus efeitos, e o nome “Saussure” será, nesta leitura, texto (cf. TRABANT, 2005), um texto que se constrói na leitura circular do *corpus* saussuriano.

Dos cursos do início do século às releituras contemporâneas, iniciamos esta reflexão sobre a transmissão da letra de Saussure pela pertinente observação de Milner:

É permitido se interrogar: dizemos o *Cours*, no singular; ora, o título original não traz artigo; ‘*Cours*’ estaria no plural? Nada o impede; o Prefácio fala repetidamente de três cursos ou de três séries de cursos; mais ainda, ele afasta explicitamente a possibilidade editorial de se

---

<sup>3</sup> As citações de textos em língua estrangeira têm tradução minha.

limitar a um só curso. [...] os alunos de Saussure evitaram a lógica da coletânea; eles quiseram uma forma unitária (2002, p. 16).

Uma peculiaridade da língua francesa que nos possibilita alguns deslocamentos: *le cours* ou *les cours* – o curso ou os cursos? Entre os três cursos ministrados por Saussure, as anotações dos alunos e o trabalho dos editores, é interessante pensar na transmissão da letra de Saussure. Uma transmissão a três tempos (aula ministrada – anotações dos alunos – edição do livro) que tem como efeito (ou produto) uma obra que influenciará a produção intelectual das ciências do homem.

Nesse sentido, concordo com Ribeiro (2016, p. 333) ao dizer que, mesmo Saussure não tendo publicado seus textos sobre os anagramas ou sobre a linguística geral, isso não impediu o efeito de transmissão de sua palavra. “Efeito que se produz não por ‘comunicação universitária’, mas como um seixo que caindo no lago produz ondas. Sendo, tanto Saussure quanto Freud, instauradores de discursividades, o efeito de sua palavra é o deslocamento de todo um discurso”.

Assim, deixo em suspenso a figura de pai fundador para mergulhar em seus escritos e, sobretudo, em sua escrita, como nos sugere Claudine Normand na abertura do número 49 da revista *Langage* dedicada ao genebrino:

Por que Saussure e que podemos fazer com ele hoje? Sabemos, em todo caso, o que não queremos fazer: nem um “pai fundador”, determinante de um ponto zero da linguística moderna, nem um ponto, mesmo que privilegiado, de uma linha contínua, em que as noções desde sempre enunciadas seriam simplesmente alocadas e sistematizadas. Assim, nós buscamos segui-lo em seus tateamentos, às vezes pouco mencionados no discurso dominante; nós buscamos – diante dos limites que ele traça, das reflexões que abre e que, para bom entendedor, são antes problemas – compreender as questões teóricas aqui desenhadas, seu escopo e seu escopo atual se iluminando reciprocamente (NORMAND, 1978, p. 3).

Diante desse conjunto de escritos, buscaremos articular dois pontos de vista: a escrita *na* linguística e a escrita *da* linguística, tal como sugerem Chiss e Puech em seu artigo apresentado no colóquio *Para uma teoria da língua escrita*, organizado por Nina Catach, em 1986, quando afirmam que “uma reflexão sobre a teorização da escrita pelos linguistas não é independente da escrita da própria ciência linguística” (1986 [1996], p. 50).

Dito isso, meu objetivo central é observar: i. os deslocamentos na concepção de escrita registrada pelos alunos e ii. como esse registro é editado no livro de 1916.

Há, no *Curso de linguística geral*, dois momentos em que a escrita é posta em questão de maneira mais desenvolvida. O primeiro momento, o capítulo sexto da introdução do livro, intitulado “Representação da língua pela escrita”, é um capítulo inteiramente dedicado ao tema, sobretudo aos problemas enfrentados pelo linguista quando este toma a escrita como objeto de

estudo. O segundo momento aparece na segunda parte do livro, destinada à linguística sincrônica, no capítulo quarto, “O valor linguístico”, mais especificamente, no parágrafo terceiro, “O valor linguístico considerado em seu aspecto material”, em que se apresenta uma analogia entre uma série de características do sistema da escrita e da língua. Tais passagens do CLG são emblemáticas, pois é a partir delas que se desenrola um amplo debate sobre a relação que se estabelece, em linguística, entre língua e escrita.

Tendo localizados esses dois pontos do CLG, retomo agora os cadernos dos alunos a fim de compreender como e de que momentos dos três cursos esses dois pontos se originaram. Antes, porém, é necessária uma breve contextualização do que se desenvolvia naquela virada de século em linguística.

Trata-se de um período em que as descrições linguísticas ganham cada vez mais sistematicidade, sobretudo a partir dos estudos comparados das línguas indo-europeias, das descrições das línguas ágrafas ameríndias e do desenvolvimento de instrumentos de registro sonoro, o que impulsionou um novo campo nos estudos linguísticos, a fonologia.

O período a que nos referimos tem início em 1875, com a ascensão dos *Junggrammatiker*, os neogramáticos, e se estende até a publicação do *Curso de linguística geral*, por Charles Bally e Albert Sechehaye, a partir das aulas de Ferdinand de Saussure, em 1916. Nesse período, o papel da escrita no estudo das línguas será radicalmente alterado, e esse movimento pode ser observado nos textos do linguista genebrino que constituirão, enfim, nosso *corpus* de análise. Apesar de a questão fazer parte do que se poderia chamar de um espírito da época, por circular em diversos campos do saber, o gesto teórico de Saussure no que diz respeito à escrita apresenta um movimento que produzirá efeitos importantes tanto sobre a língua quanto sobre a escrita e que influenciará profundamente os estudos sobre as línguas após a publicação do CLG.

### **1. Primeiro movimento: a constituição do objeto linguístico**

A escrita se faz presente em todos os cursos, mas, a cada vez, em contextos e de maneiras diferentes, aparecem nuances que não ressoam no CLG senão como furos no “todo orgânico”<sup>4</sup>. Há, para Saussure, uma diferença clara entre os cursos. Em conversa com Albert Riedlinger, em 19 de janeiro de 1909, o mestre diz que seu curso de linguística geral até então não passava de um bate-papo, “*une causerie*”, e que daquele momento em diante (a partir do

---

<sup>4</sup> É enquanto “todo orgânico” que Bally e Sechehaye designam seu projeto de edição no prefácio do livro (CLG, p.3).

semestre de verão de 1909) trataria das línguas indo-europeias e dos problemas que elas colocam como uma preparação para um próximo curso, o terceiro (1910-11), sobre filosofia da linguística (cf. RIEDLINGER apud SM, p. 30).

Ao retornarmos às anotações de Riedlinger referentes ao primeiro curso, vemos que Saussure esboça o que para ele seria um dos grandes erros da linguística da época, o de tomar como objeto a relação entre palavra escrita e palavra falada. É nas aulas iniciais, logo após algumas palavras introdutórias sobre a relação da linguística com suas ciências conexas (etnologia, filologia, ciências lógicas e sociologia), que Saussure traz à tona o tema da escrita.

Sob o título de « *Analyse des erreurs linguistiques* », Saussure observa que o signo escrito é exterior à língua e, portanto, “a palavra escrita não é coordenada à palavra falada, ela lhe é subordinada” (RIE I, p.5). Dessa maneira, a escrita não faz senão falsear a língua e, por isso, não deve tomar parte no objeto da linguística. Há aqui em Saussure um gesto de delimitação de um novo objeto linguístico, outro que não aquele da filologia de seus predecessores: é exclusivamente a palavra falada o objeto da linguística. É justamente nesse momento que nos deparamos, pela primeira vez nos cursos, com uma estrutura de formalização, uma escrita algébrica que consagrará Saussure como o pai da linguística moderna. O linguista escreve um algoritmo do que seria o objeto de uma linguística de tradição filológica para imediatamente refutá-lo. Nas notas de Riedlinger (RIE I, p.6), encontramos:

Seria um erro conceber a relação entre palavra escrita e palavra falada assim:

$$\frac{\text{palavra escrita}}{\text{palavra falada}} = \text{objeto (da linguística)}$$

⟨Nós teríamos assim uma⟩ unidade indefinível que não seria nem a palavra escrita, nem a palavra falada, nem ambas. A verdadeira relação é expressa pela equação:

$$\text{palavra falada} = \text{objeto} \\ \text{(palavra escrita, documento)}$$

Tomamos o termo “algoritmo” da leitura que Lacan realiza de Saussure em “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”, de 1957. Para o psicanalista a escrita de um algoritmo é o momento em que se estabelece uma ciência:

Para marcar o surgimento da disciplina linguística, diremos que ela se funda, como acontece com toda ciência no sentido moderno, no momento constitutivo de um algoritmo que a funda. Esse algoritmo é o seguinte:  $\frac{S}{s}$ , que se lê: significante sobre significado, correspondendo o “sobre” à barra que separa as duas etapas (LACAN, 1957 [1998], p. 500).

A escrita matemática ocupa para Lacan um lugar central em sua teorização. O algoritmo matemático é o que resiste de um texto “carregado de sentido” quando este desfaz-se em “bagatelas insignificantes”, pois “como seria de se esperar, são sem sentido algum” (ibid., p. 501).

É pela via do escrito que Saussure inscreve seu lugar. Essa é uma tomada de posição que reflete não só suas inquietações que vêm sendo formuladas desde a última década do século anterior, mas também a assunção da cadeira antes pertencida ao professor Joseph Wertheimer<sup>5</sup>. O abandono do que chamarei de “signo pré-linguístico” é, para Saussure, essencial para o estabelecimento de seu ensino. Após esse movimento de exclusão da escrita dos estudos linguísticos, o curso passa a abordar os elementos da evolução fonética, culminando na reinscrição do algoritmo, dessa vez mais próximo da forma como o conhecemos:  $\frac{forme}{idée}$  (RIE I, p.66).

Nas aulas que seguem sobre o tema, vemos bastante da visão que será cristalizada no CLG. Entretanto, a *causerie* saussuriana põe em causa aquilo que não teria lugar quando não se fala bestamente, se o lemos na esteira de Lacan, que afirma que “O significante é besta” (1972). Seguir por essa via é dar consequência à articulação significante, ou seja, dar ouvidos à besteira saussuriana, àquilo que nomeou de *causerie*. Para o psicanalista, “o sujeito não é aquele que pensa. O sujeito é, propriamente, aquele que engajamos, não, como dizemos a ele para encantá-lo, a dizer tudo – não se pode dizer tudo –, mas a dizer besteiras, isso é tudo.” (1972, p. 28). Andrade (2016, p. 114) sintetiza de forma bastante interessante essa escuta que proponho da besteira saussuriana: “Ao se escutar as voltas de um discurso, é possível extrair dele seu ponto de gozo, a *escrita* que o determina sem ainda ter sido lida; neste caso, o mais-de-gozar não seria apenas a causa, mas também um efeito de discurso”. Leio então nessa *causerie* justamente uma fala a se dar ouvidos e não as costas. Vamos a ela:

O erro sugerido pela escrita sendo geral, pode-se dizer que as leis fonéticas se transformam quando a língua falada se une a um sistema de signos escritos. **Tem-se então na língua dois eixos semiológicos**, mesmo se se considera os fenômenos de falsificação como regulares e não como patológicos, **tem-se duas ciências linguísticas** e deve-se considerar a língua falada separadamente da língua escrita. [...] Esse estudo seria evidentemente muito interessante, mas <com a condição de> ser separado da semiologia falada <que não se pode unir a ela> em uma

<sup>5</sup> Wertheimer, teólogo e grande rabino de Genebra, ocupou a cadeira de “linguística e filologia” de 1873 a dezembro de 1906; seu antecessor, “*un certain Krauss*” (DE MAURO, 1967, p. 324) lecionou entre 1869 e 1873 a mesma disciplina antes sob o título de “filologia” e depois de “linguística comparada”. Segundo De Mauro, o antecessor direto de Saussure “não estava longe da ignorância total em linguística”, seu discurso de abertura do curso de linguística, em 1877, “não passava de um plágio mal disfarçado de uma lição de M. Bréal” (cf. SM, p. 29; DE MAURO, p. 324).

unidade imaginária. **Nós nos confinaremos resolutamente, portanto, na língua falada** (RIE I, p.10-11, [sublinhado do autor; negrito meu]).

O trecho é riquíssimo, mas nos deteremos apenas nos fragmentos destacados. Neles, podemos ler uma abertura na compreensão do lugar da escrita na linguística. Ela não seria tanto o decalque imperfeito da fala, mas um sistema de leis próprias, relacionado diretamente à língua (e não à fala, como dizia anteriormente). Esse esboço para uma linguística da escrita se assemelha ao que propôs Vachek em 1939. Para Testenoire (2016, p. 40), entretanto, a concepção de dois eixos semiológicos é abandonada nos cursos seguintes após a publicação dos *Mélanges de linguistique offerts à M. Ferdinand de Saussure*, em 1908, por Louis Havet, que se mantém radical à exclusão da escrita dos estudos linguísticos. Em resumo, para Havet, “O gramático é o homem da língua escrita e o linguista, o homem da língua falada” (HAVET, 1908 [1910], p. 8).

Há, no primeiro curso, portanto, uma inscrição de Saussure na linguística. Ele se afasta da filologia de Wertheimer, instaurando um novo lugar para se pensar a língua. A assunção da disciplina de “Linguística geral e história e comparação das línguas indo-europeias” por Ferdinand de Saussure em 1906, após a aposentadoria do professor Joseph Wertheimer, é o evento a partir do qual iremos pensar a escrita na produção teórica do mestre genebrino. Há, na cadeira recém-ocupada por Saussure, uma tradição linguística com a qual este não estava de acordo e da qual já manifestara sua insatisfação em carta ao amigo e colega francês Antoine Meillet em 1984. O curso serve então de palco para a exposição da reflexão linguística que Saussure vinha elaborando desde a época da carta e que ainda não havia vindo a público.

Assim, mesmo propondo uma abertura para pensar a escrita – mais próxima, inclusive, dos escritos de 1894 –, Saussure “se confinará resolutamente” na língua falada – um confinamento que produzirá impasses e exclusões. Ao enfatizar a língua falada, Saussure por vezes toma o som como elemento constituinte do signo, o que promoverá embaraços ao longo dos cursos. Entretanto, o recorte de objeto que passa a ser fundamentado sob a língua falada só é possível com a exclusão da escrita logográfica, como lemos no início do primeiro curso: “O objetivo do alfabeto é o de fixar por meio de signos convencionais o que existe na fala [parole]. Não há dois tipos de palavras (ao menos em todas as escritas fonéticas e não puramente ideológicas [sic] como o chinês” (RIE I, p. 5).

O abandono da escrita nesse momento de formalização da linguística é fundamental, sobretudo tendo em vista a disciplina nascente, a fonologia. Como afirmam Puech e Chiss (1983), no fim do século XIX e início do XX, o estudo dos dialetos locais, em que a

musicalidade se mostra livre, vinha ganhando cada vez mais força com os neogramáticos, aumentando a necessidade de um rompimento com a imobilidade da instância visual. “Para sair desse caos, precisa-se de um outro ponto de apoio que não a escrita; precisa-se poder definir o som nele mesmo” (RIE I, p.11).

Com essa digressão ao primeiro curso, vemos que o quarto capítulo da introdução do CLG, “Representação da língua pela escrita”, apresenta uma outra questão: é da “forma falada” da língua que a escrita deve se (des)articular para que se delimite o signo linguístico. Assim, a fim, então, de justificar a dissociação entre palavra falada e palavra escrita, ou seja, a independência desses dois sistemas, o CLG traz do primeiro curso os exemplos do lituano e do alto alemão antigo. São análises de fatos de língua que mostram como, apesar de haver alguma interferência de um sistema no outro, a escrita não contribui nem para a conservação nem para a transformação da língua, estas acontecem à sua revelia.

## **2. Segundo movimento: de objeto da linguística a instrumento do linguista**

Se a dissolução do signo pré-linguístico foi determinante para o estabelecimento de uma nova forma de se fazer linguística, o resultado desse movimento gerou uma sobreposição de conceitos que só intensificará o caráter monstruoso que se atribui à escrita no CLG. Após a inserção de uma nova constelação de conceitos ligados à fala, que tem ela própria uma definição difusa e irregular ao longo tanto do *Curso* quanto dos cursos, a distinção feita no início do capítulo quarto entre línguas e língua fica ainda mais apagada. A oposição que se fazia entre os termos dá lugar à articulação que se consagrará no movimento estruturalista derivado do *Curso*, a dicotomia língua – fala. Há uma sobreposição dos termos língua, línguas e língua falada, todas elas referindo-se ao sistema, ao objeto da linguística, ao qual à escrita só cabe representar. Calcadas nessa sobreposição, as causas do prestígio da escrita são, então, estabelecidas.

A primeira delas se dá na comparação entre duas materialidades físicas, os liames visual e auditivo da língua. A existência temporal do primeiro em detrimento da do segundo faz com que se recorra à imagem gráfica – apesar de “superficial” – e não ao som – “o liame natural, único e verdadeiro” – para se fixar a unidade da língua, mesmo que essa unidade seja “puramente factícia” (CLG-br, p. 35). A segunda causa diz respeito à materialidade psíquica, a impressão visual se mostra mais nítida e duradoura que a impressão acústica. É interessante observar que há uma distinção clara da natureza material dos elementos em questão. A natureza física da escrita, que constitui um “objeto permanente e sólido” (ibid., p. 35), não se sobrepõe à sua natureza psíquica, a impressão visual, ambas guardam um caráter durativo em relação ao

seu par auditivo/acústico, o que é utilizado para reforçar a compreensão de que a escrita funciona como documento da forma falada, representando-a. Nas notas de Constantin lemos que “É a imagem que parece ser a coisa de carne e osso, porque ela é fixa, tangível, visível, enquanto que a fala parece inapreensível, fugidia, uma vez que pare de ressoar” (C III-GM, p. 143).

Ao seguirmos o dito de Saussure, acabamos nos restringindo a uma concepção de escrita bastante reduzida, a de mero decalque da língua. Entretanto, seu dizer aponta para uma abertura dessa concepção. A escrita, ao representar a língua, torna-a tangível, observável para o linguista. Dito de outra forma, se a escrita não compõe o objeto linguístico, como vimos acima, ela é fundamental na criação desse objeto na medida em que o dá a ver ao linguista. A escrita retorna como condição da ciência.

As duas últimas causas de predominância da escrita, segundo Saussure, se relacionam “não com o fato nu da escrita, mas com tudo o que constitui o que se chama língua escrita” (C III-GM, p. 143). Essa pontuação de Saussure, deixada de fora do CLG, traz uma nova camada ao que se vinha articulando acerca da representação da língua pela escrita. Se para Bally a língua escrita “aumenta ainda mais a importância imerecida da escrita”, afinal é dessa forma que ele introduz a questão no livro, para Saussure, tal como o podemos ler no caderno de Constantin, não é disso que se trata. Trata-se, sim, de evidenciar que a língua escrita chega a possuir “(uma esfera de existência independente da esfera normal que está na boca dos homens) uma esfera de difusão separada” (C III-GM, p. 143-144). Essa nova esfera, institucionalizada nas gramáticas e dicionários e regulamentada por um código ortográfico, faz com que se associe à ideia de palavra escrita a de palavra correta. Não é, portanto, “a língua literária que aumenta a importância imerecida da escrita” (CLG-br, p. 35), antes, é a posição que o linguista ocupa diante de seu objeto que faz com que a língua escrita não se sobreponha à língua.

A escrita, nesse sentido, ao tornar tangível a língua, coloca ao linguista a questão do objeto: de um lado, filológico, levando ao engodo da similitude – “a escrita é a língua”, que se desdobra em “a gramática é a língua”, “o dicionário é a língua” –, o que caracteriza o pensamento linguístico até meados do século XIX, ou, como propõe Saussure, a escrita torna a língua tangenciável, não concretizável. A escrita não reproduz a língua, antes, ela possibilita um fazer com a língua que a torna objeto, um objeto que é construção do linguista e não dado do mundo. Essa é a advertência de Saussure: a palavra escrita não é a língua, mas é a via pela qual se pode pensá-la. Ou, como lemos no caderno de Riedlinger referente ao segundo curso, “a classificação (da língua) no tempo apenas é possível pois a língua se escreve” (RIE II, p. 5).

Estabelecidas as causas do predomínio da escrita, tanto as notas dos alunos quanto o livro de 1916 passam a tratar d’“Os sistemas de escrita”. Desse momento até o fim do capítulo, há um direcionamento de Saussure, que é amplificado pelos editores, em explicitar o que foi definido anteriormente como a exterioridade da escrita em relação à língua. Esse movimento de Saussure não pode ser lido fora do contexto em que se insere, o do crescente desenvolvimento da fonologia, que à época passava a contar com instrumentos de registro de som, os fonogramas de Viena, mencionados pelo linguista em todos os anos de curso.

Tal contexto parece fundamental para compor nossa leitura uma vez que o capítulo destinado à escrita é imediatamente seguido pelo capítulo “A Fonologia”. Importante destacar que o capítulo não é construído como tal no correr das aulas do mestre genebrino. O que encontramos tanto nos cadernos de Constantin referentes ao terceiro curso, quanto nos de Riedlinger, referentes ao primeiro, é uma continuidade entre os temas, não havendo, assim, uma divisão entre as aulas sobre escrita e as aulas sobre fonologia. Essa articulação estabelecida por Saussure dá a dimensão de seu projeto: a escrita e a fonologia são articuladas visando a promover uma ruptura com a filologia da época, não constituindo, assim, temas distintos. Trata-se fundamentalmente de um movimento epistemológico, da delimitação do objeto da linguística, em que se toma a “palavra falada” nela mesma, muito mais que um projeto teórico-conceitual em que se definiria a escrita.

Se o que vigora no capítulo da escrita, como propõe Arrivé (2007), é uma concepção de significante atrelada ao som, a descrição do sistema ideográfico não se daria como a lemos no CLG. Com efeito, há em Saussure uma primeiridade do som sobre o traço, o primeiro tido como natural em oposição ao segundo, que é tomado como secundário, artificial. É essa hierarquização, e menos o caráter incorpóreo, que parece dar o tom da crítica saussuriana tendo sempre no horizonte seu novo objeto. Há momentos, entretanto, em que de fato, ao subordinar a escrita à fala, tanto o *Curso* quanto os cursos, apresentam-se formulações em que se depreende que o significante seja sonoro, e é justamente essa concepção que se mostra mais evidente nos dois últimos parágrafos do capítulo em que são apresentadas as causas (quarto parágrafo) e os efeitos (quinto parágrafo) do desacordo entre língua e escrita.

Tendo então descartado a escrita ideográfica e, nas escritas fonéticas, se limitado às escritas provenientes do alfabeto grego, Saussure aponta três grupos principais de desacordos entre os sistemas da língua e da escrita. A partir desse recorte bastante específico, torna-se mais rápida a sobreposição entre som e significante, de modo que, já no título do parágrafo em que suporíamos ler “Causas do desacordo entre a escrita e a língua”, encontramos os termos “grafia”

e “pronúncia” substituindo aqueles que até esse momento do capítulo protagonizavam a discussão.

Há aqui um fechamento na construção do texto saussuriano em que a vacilação sobre a relação entre os dois sistemas é reduzida à subordinação e o som integra o significante. Acreditamos ser apenas por meio desse gesto que se conseguiria sustentar o que se segue como as causas do desacordo entre língua e escrita. Dessa forma, o linguista destaca três grandes causas além de algumas “excentricidades” cuja “causa nos escapa” (CLG-br, p. 38):

i. o descompasso entre o modo como cada sistema é afetado pelo tempo, “a língua evolui sem cessar, ao passo que a escrita tende a permanecer imóvel”. A diacronia dos sistemas é tida por Saussure como a principal causa dos desacordos e, portanto, o maior argumento em favor da independência da língua: “Este é sem dúvida um dos grandes fatores, talvez o maior, de perturbação na relação da língua com a escrita” (CS, p. 133).

ii. a insuficiência de um sistema tomado de empréstimo de outra língua, a falta de signos para representar os sons da nova língua produziria signos duplos, como o *ch* do francês e o *th* inglês.

iii. a etimologia.

O que para Saussure é uma das causas do desacordo, parece-nos justamente, mais uma vez, indício da **in**subordinação da escrita. Assim como a língua, a escrita pode ser compreendida como um sistema, organizado por leis próprias, sendo afetado de maneira particular tanto pelo tempo quanto pela intervenção individual, mas legitimado pelo uso.

Uma a uma as particularidades da escrita que comprovariam a independência da escrita são utilizadas como argumento para o estabelecimento do novo objeto linguístico, a “palavra falada”. O movimento de Saussure se sustenta devido à definição de seu ponto de partida no alfabeto grego primitivo, que se mantém ao longo dos três cursos e é registrada no CLG. É numa das aulas iniciais do primeiro curso, ao tratar do desacordo entre a palavra escrita e a palavra falada, que Saussure introduz o tema<sup>6</sup>:

Para julgar [o deslocamento do valor dos signos], é preciso tomar um ponto de partida em que a escrita ainda não foi submetida a uma mudança indireta. Esse momento é encontrado apenas uma vez na história de um povo: quando, pela primeira vez, se registra a língua pelo escrito, e ainda somente se for possível fazê-lo, se não se tomou de empréstimo os hábitos fonéticos de outros povos. [...] Na ortografia primitiva dos gregos, a consequência se vê sobretudo na consecução dos sons: tantos elementos falados, tantos signos escritos. Assim, para:

*ps* não se tem  $\Psi$  mas  $\Phi\xi$

<sup>6</sup> O trecho todo compõe uma alínea do apêndice de fonologia. As três linhas finais compõem uma nota dos editores na forma de ressalva à possível falta dos gregos (cf. CLG-br, p. 50).

*ks* não se tem ξ mas χξ  
*ph* não se tem Φ mas ΓΘ (RIE I, p. 7).

O mestre genebrino retorna a um ponto zero, “em que pela primeira vez se registra a língua por escrito”. É justamente esse o ponto fundamental para Saussure, o registro, a notação. No terceiro ano do curso, volta à questão:

Pode-se admirar o alfabeto grego primitivo: a cada som que é simples, um só signo gráfico e invariável (para o mesmo som), tal é seu princípio. E reciprocamente, não há signo simples que valha dois sons consecutivos. Esse princípio compreende toda a escrita fonética *stricto sensu* (C III-GM, p. 144).

A escrita é finalmente reduzida à notação fonética: há aqui uma ideia de língua grega e, conseqüentemente, de alfabeto grego, homogêneo e livre de falha: uma língua em que se escreve tudo o que se diz, som a som, letra a letra. Nesse gesto em direção ao alfabeto grego primitivo, Saussure acaba por aglutinar duas dimensões da escrita: a escrita ordinária e a escrita fonética, científica. Nesse momento originário, e apenas nele, para Saussure, essas duas dimensões se corresponderiam. Se num caso a escrita é posta em funcionamento pela massa falante, noutro, ela é instrumento de objetivação da língua. Trata-se do momento em que algo da língua se transcreve na forma de signos visuais. Neste caso, há notação, a escrita se limitaria a seu caráter reprodutivo, estando subordinada à língua, de modo que o alfabeto grego primitivo coincidiria com um sistema de descrição fonológica, ambos estando fora do uso, das massas, sem sujeito. À medida que a escrita atinge a massa falante, a subordinação à língua não se sustenta, pois, uma vez constituída enquanto sistema e possuindo suas leis internas, esta não se comporta mais a partir de leis externas a ela, o que não significa que estas não a afetem, produzindo os desacordos descritos nos cursos, o que caracteriza a escrita que chamaremos de ordinária.

O que inquietava Saussure com a produção teórica de sua época era o fato de ela ignorar aquilo que a possibilitava. Era preciso distinguir os fenômenos das coisas em si (MILNER, 1978 [2012], p. 51), e a forma de fazê-lo era através de uma escrita. Essa escrita, entretanto, diferia daquilo que podemos ler nas gramáticas gerais e razoadas que, apesar de se pautarem num ideal de ciência cartesiano, não lograram em construir uma escrita. Dessa forma, é válido questionar: em que medida essa nova – outra – forma de escrita, essa *notação*, estabelece um corte<sup>7</sup> com a produção de conhecimento anterior a Galileu e no que ela consiste?

<sup>7</sup> Seguimos aqui a leitura que Milner faz de Koyré e Kojève: “Ora, a combinação das proposições de Koyré e de Kojève parece realmente afirmar que certo corte é próprio a afetar não apenas dois discursos (por exemplo a ciência e a metafísica), mas *todos* os discursos possíveis. É o que implica, evidentemente, o uso dos termos totalizantes *mundo* e *universo* (‘o mundo do quase’, ‘o universo da precisão’). Chamemos maior tal corte. O doutrinal da

Nesse sentido, o que institui a virada galileana é o fato de a matemática poder “soletrar *todo* o empírico, sem levar em conta nenhuma hierarquia do ser” (ibid. p. 42-43, [destaque do autor]) e com isso intervir através do que ela tem de mais literal, ou seja, os números deixam de funcionar como Números, ligados ao eterno e ao mesmo, e passam a funcionar como letras, e como tais, “devem apreender o diverso no que ele tem de incessantemente outro” (ibid., p. 43). O que, em Saussure, toma corpo quando de sua viagem à Lituânia, em que abre mão da documentação escrita em favor da descrição da fala local recolhida *in loco* (cf. De Mauro, 1967 [2005], p. 332).

A escrita literal de Saussure não é exatamente aquela que se observa entre seus contemporâneos de Leipzig. Não é exatamente a mesma, mas também não é completamente distinta. Nesse primeiro momento da reflexão saussuriana, o genebrino compartilha com os alemães uma escrita da língua que se localiza na observação empírica e, portanto, numa descrição fonética. É por seu caráter extrínseco, ou seja, por uma relação com o empírico, que Saussure se inscreve na ciência moderna. Por outro lado, seu trabalho com a letra o diferia dos neogramáticos. Mesmo em seus textos iniciais, a escrita matematizada da língua já apresentava um caráter abstrato, com alguma desvinculação do objeto descrito, funcionando como uma posição num cálculo.

A matematização do empírico, portanto, estará, nisso que nos interessa, e como o faz Saussure, menos ligada ao quantificável que ao seu caráter literal, o que quer dizer que as letras possam ser tomadas sem se ter em conta aquilo que eventualmente designem, que seu uso se dê em virtude de suas próprias regras – que possuam um funcionamento cego (cf. MILNER, 1989, p. 24). Esse modo de funcionamento é precisamente aquele que determina o princípio fonético no primeiro curso de linguística geral. No caderno de Riedlinger, lemos o seguinte:

É necessário dizer duas palavras sobre o caráter cego do princípio fonético, pois é um caráter essencial das alterações [fonéticas] consideradas nelas mesmas. O efeito, portanto, das alterações fonéticas se faz sentir sobre toda espécie de palavra e não distingue entre substantivo ou adjetivo, radical ou desinências. Ele deve ser assim, pois se ele dependesse da natureza gramatical da palavra para se opor às alterações, nós poderíamos muito bem falar de alterações gramaticais, mas não fonéticas (RIE I, p. 37, [destaque no original]).

O que é importante reter deste pequeno percurso epistemológico é que a fonologia, enquanto uma escrita da língua, possibilitará a Saussure realocar seu objeto, eliminando a necessidade da relação com a escrita tal como apresentada no capítulo anterior do CLG. Esse

---

ciência será então reformulado: ‘o corte entre *episteme* e ciência moderna é um corte maior’” (1995, p. 66, [itálicos do autor])

giro nos interessa, pois, a escrita, não mais componente do objeto da linguística, pode ser pensada de outros lugares: o da representação fonológica e do testemunho escrito. É o que se lê no capítulo VII da introdução do CLG.

Para o mestre genebrino, um dos principais equívocos da jovem ciência que tem como marco inicial a publicação de *Sobre o sistema de conjugação do sânscrito comparado aquele das línguas latina, grega, persa e germânica*<sup>8</sup>, de Franz Boop, em 1816 – um século anterior ao CLG –, era justamente o lugar que a escrita ocupava no objeto de análise:

4) pode-se dizer que todo o primeiro período da linguística indo-europeia permaneceu muito incompletamente desembaraçado da escrita e que ela tomou, a todo momento, um por equivalente do outro, ou em todo caso (que ela não acreditava) que seu único objeto é o que é falado (RIE II, p. 82-83).

Tal como fizera no primeiro curso e fará no terceiro, Saussure mais uma vez coloca o lugar da escrita no ponto de virada da linguística: “(Abandonar a letra), era para ela [a linguística primitiva] perder o pé, enquanto que para nós é tomar pé.” No CLG, a oração é recuperada, mas sofre sensível alteração pela pena de Bally, passando a: “desapegar-se da letra era, para eles, perder o pé; para nós, constitui o primeiro passo rumo a verdade” (CLG-br, p. 42) – uma alteração que dá a ver o caráter de vulgata do livro de 1916, em que as oscilações e incertezas se tornam convicções e evidências.

A alínea três do capítulo dedicado à fonologia nos fornece novos elementos para sustentarmos nossa leitura. Saussure lança a questão: “Haveria razões para substituir por um alfabeto fonológico a ortografia usual?”. Sua resposta é negativa. A quantidade elevada de signos diacríticos presente num alfabeto que representasse todas as línguas teria um “aspecto desolador” na página, “obscureceria aquilo que se quisesse esclarecer”, “atrapalhando o leitor”. A isso os editores adicionam: “Fora da ciência a exatidão fonológica não é muito desejável”<sup>9</sup> (CLG-br, p. 44). Embora os editores adicionem uma frase de fechamento, todos os elementos anteriores podem ser lidos nos cadernos dos alunos (Cf. CLG-E, p. 94). Nesse sentido, a frase dos editores parece estenografar o movimento de exclusão que Saussure executa com a escrita, movimento este que diz respeito a uma operação científica.

É interessante destacar que, tendo demarcado o lugar da escrita – externo à linguística –, abre-se um espaço, tanto no CLG quanto no que lemos dos cursos de Genebra, para uma nova entrada para a escrita, de um outro lugar, do lugar do falante. Nesse sentido, observamos na

<sup>8</sup> BOOP, F. Über das Konjugationssystem der Sanskritsprache in Vergleichung mit jenem der griechischen, lateinischen, persischen und germanischen Sprache. Frankfurt am Main, 1816.

<sup>9</sup> No caderno de Constantin lemos “esse sistema é necessário para os linguistas”.

alínea seguinte, a última do parágrafo, uma nova questão: a leitura. Se uma escrita fonológica atrapalharia o leitor, o que a facilitaria? É Saussure<sup>10</sup> quem responde:

Lemos de dois modos: a palavra nova ou desconhecida é soletrada letra por letra; abarcamos, porém, a palavra usual e familiar numa vista de olhos, independentemente das letras que a compõem; **a imagem dessa palavra adquire para nós um valor ideográfico**. Neste caso, a ortografia tradicional pode reclamar seus direitos; é útil distinguir em francês *tant e temps*, — *et, est e ait*, — *du e dii*, — *il devait e ils devaient* etc.

Na leitura, a palavra escrita – tal como no chinês – tem *valor ideográfico*, ou seja, nesse caso estabelece-se uma relação que não considera o aspecto fônico, a imagem visual liga-se diretamente ao que Saussure chamará de conceito. E tal como a imagem acústica, seu caráter é fundamentalmente diferencial, sendo útil, por exemplo, para diferenciar signos homófonos. Vale lembrar que o falante de chinês, tal como compreendido por Saussure, recorre à escrita, numa conversação, “quando duas palavras faladas têm o mesmo som [...] para explicar seu pensamento” (CLG-br, p. 36).

Há uma outra relação entre língua e escrita que extrapola a representação. Se um ideal de escrita fundamentado na inequivocidade só é “desejável” para a ciência linguística, a relação que se estabelece do ponto de vista do falante (do escrevente?) é toda outra. Entretanto, essa compreensão da escrita surge apenas após a sua exclusão do núcleo do objeto linguístico. Após, então, a saída de cena da escrita e consequente adoção da fonologia na representação da língua, a escrita é retomada de outro lugar, em outra forma de relação.

### 3. Terceiro movimento: a semiologia como condição de ex-sistência

Seria impreciso dizer que é apenas no segundo parágrafo do capítulo IV da segunda parte do CLG que a escrita aparece descolada da ideia de representação da língua. Um outro fragmento significativo é aquele lido na página 24 da edição brasileira do CLG:

<sup>275</sup>A língua é um sistema de signos <sup>276</sup>que exprime ideias, <sup>277</sup>e é **comparável**, por isso, à **escrita**, <sup>278</sup>ao alfabeto dos surdos-mudos, <sup>279</sup>aos ritos simbólicos, <sup>280</sup>às formas de polidez, <sup>281</sup>aos sinais militares etc., etc. <sup>282</sup>**Ela é apenas o principal desses sistemas** (CLG-br, p. 24 | CLG-E, p. 45-46 – negritos meus).

À língua, somam-se diversos outros sistemas de signos, sendo ela “apenas o principal”. Ao mesmo tempo em que há uma tentativa de equivaler a língua aos outros sistemas, há um movimento de destacá-la. Ele equivale e distingue, ou seja, busca mostrar o lugar da língua na relação com os outros sistemas de signos, mas destaca sua particularidade. Para De Mauro, na

<sup>10</sup> O que consta no CLG (CLG-br, p. 44) pode ser recuperado, sem grandes perdas ou alterações, dos cadernos dos alunos. Cf. CLG-E, p. 94, fragmento 662.

nota 72, referente ao trecho, tal particularidade se justifica, pois “uma língua histórica, e é isso que a diferencia dos sistemas semiológicos não linguísticos, é construída de maneira a tornar semantizável cada experiência humana possível”. Dito de outro modo, as experiências humanas são significadas por serem construídas a partir do campo da linguagem, de modo que não há fora da língua<sup>11</sup>.

Dando um passo na interpretação do texto saussuriano, talvez possamos afirmar que a escrita, quando tratada no capítulo sobre a representação da língua, no CLG, não poderia ser tomada como sistema de signos, mas como um conjunto de sinais idênticos a si mesmos que tinham como função, justamente, representar a língua. É essa a proposta de Saussure no capítulo sobre a fonologia: uma escrita que produzisse uma transferência de base material, o som pela letra.

Ao tratar língua e escrita no seio da semiologia, ou seja, como sistemas de signos, o funcionamento da escrita não pode ser descrito da mesma forma, passando a ser, então, comparável ao da língua. Nesse sentido, outra nota de Constantin, ausente no livro de 1916, reforça esse outro ponto de vista de Saussure sobre a relação entre língua e escrita:

<sup>282</sup> Nenhuma série de signos terá uma importância mais considerável nessa ciência que as dos fatos linguísticos. Podemos buscar o equivalente na escrita disso que são os fatos fonéticos na língua (CLG-E, p. 47).

Se a língua, enquanto sistema de signos, se destaca dentre os demais sistemas, seu funcionamento lhes é equivalente, uma vez que se pode observar, em outros sistemas, como na escrita, fatos semelhantes aos fatos fonéticos. A tomada da escrita a partir de um ponto de vista semiológico reconfigura a relação estabelecida quando considerada do interior da linguística. Se, de dentro da linguística, a escrita transcrevia os fatos fonéticos, desde fora, esta apresenta fatos semelhantes aos fatos fonéticos.

O trecho do CLG analisado acima, “A língua é um sistema de signos que exprime ideias...”, compõe o terceiro parágrafo do capítulo “Objeto da linguística”, intitulado “Lugar da língua nos fatos humanos. A semiologia”. Essa nova ciência, a semiologia, é apresentada logo na sequência do trecho trazido acima, articulada por uma conclusiva: “Pode-se, então, conceber *uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social* [...]; chamá-la-emos de

---

<sup>11</sup> Nesse mesmo sentido, a escrita ocupa também um lugar particular dentro da semiologia se concordarmos com Benveniste quando este afirma que “A escrita foi sempre e por toda a parte o instrumento que permitiu à língua semiotizar a si mesma” (1969 [2014], p. 155).

*Semiologia* (do grego *sēmeion*, ‘signo’)” (CLG-br, p. 24 – itálicos no original), o que ratifica a equivalência (e distinção) do sistema linguístico em relação aos demais sistemas de signos.

É, assim, a partir desse ponto de vista, o semiológico, que a escrita é reintroduzida no CLG, no capítulo sobre o valor linguístico. E é desse lugar que se desenrolam as leituras feitas da noção de escrita em Saussure por autores como Vachek, Anis e Derrida.

O próximo fragmento que analisaremos constitui as cinco últimas alíneas do parágrafo terceiro, “O valor linguístico considerado em seu aspecto material”, do capítulo IV, “O valor linguístico”, inserido na segunda parte do livro, “Linguística sincrônica”. Tal capítulo tem por objetivo apresentar o que muitos dos estudiosos da obra do genebrino tomam como o cerne de seu trabalho, a teoria do valor. Um dos nomes que seguem esse caminho, com o qual concordamos, é Milner (2002, p. 37). Para o autor,

[...] o conceito de signo é de pouco peso na linguística uma vez que ela é constituída: esta última apenas se estabelecerá como ciência ao considerar seu objeto do ponto de vista diferencial e negativo, ora, o signo fecha todo acesso a esse ponto de vista. Saussure também propôs não o nome *signo*, mas o nome de *valor*, ao se inspirar na teoria da moeda (cf. CLG, II, 4, §2) de forma que Saussure parte do signo para o abandonar, mas ele não o pode abandonar porque ele colocou o signo em seu ponto de partida.

É, portanto, num dos momentos-chave do CLG que a escrita retorna. Vale observar, porém, que o movimento não é de Saussure, mas dos editores. Seguindo as informações dadas por Godel (SM, p. 107) e Engler (CLG-E, p. 255 ss.), observamos que os primeiros dois parágrafos do capítulo, “A língua como pensamento organizado na matéria fônica” e “O valor linguístico considerado em seu aspecto conceitual”, provêm quase que integralmente das últimas aulas do curso interrompido em 1911, apenas com inserções pontuais de material do curso de 1908-1909. O mesmo ocorre com o quarto parágrafo, “O signo considerado na sua totalidade”, em que lemos o material das últimas aulas do terceiro curso e, pontualmente, material do segundo curso e de notas autógrafas de Saussure.

Ao consultarmos a *Collation* de Sechehaye, vemos que esta segue o curso anotado por Dégallier até a última página, em que lemos a observação de Bally reproduzida em anexo. Segundo a transcrição semidiplomática de Sofia (2015), temos: “Aqui uma bela comparação da língua com a Escrita que apresenta um mecanismo inteiramente semelhante: oposição de elementos arbitrários Crs II Caderno 1 p. 13 sv”.

É então a partir dessa observação que os editores retomam o texto do segundo curso em busca da “bela comparação” que dará corpo ao terceiro parágrafo do capítulo do valor, “O valor linguístico considerado em seu aspecto material”. O parágrafo não é composto exclusivamente

de material do segundo curso. As três primeiras alíneas têm como fonte o material do terceiro curso que seguia aquele utilizado no parágrafo anterior articulado a notas autógrafas de Saussure, de onde se extrai que “*Arbitrário e diferencial são duas qualidades correlativas*” (CLG-br, p. 137 – itálico no original).

O texto do CLG passa, então, a se fundamentar no segundo curso a partir da quarta alínea, em que os editores trazem da aula do dia 12 de novembro de 1908 mais um exemplo para justificar “o que há de sistemático no jogo de diferenças fônicas”, dando continuidade à alínea anterior, proveniente do terceiro curso.

As alíneas 5, 6 e 7 provêm da aula do dia 23 do mesmo mês, em que Saussure buscou estabelecer o lugar do som na relação com a língua. Nesse ponto, a tentativa de promover um todo orgânico dá indícios de sua impossibilidade: onde se lê, nos cadernos dos alunos, um movimento bastante nuançado, o CLG é categórico. Trazemos a seguir a nota de Constantin que pode ser lida, com pequenas variações, também nos cadernos de Riedlinger, Gautier e Bouchardy, sendo a do primeiro apenas a mais sintética: “Não se pode tratar a língua sem falar de sons. E, contudo, num certo sentido, o som é estranho à essência da língua” (CLG-E, p. 266), ao que a pena dos editores escreve “Ademais, é impossível que o som, elemento material, pertença por si à língua” (CLG-br, p. 137). Os editores então concluem, com base nas notas dos alunos da mesma aula do segundo curso, que

Ele [o som] não é, para ela [a língua], mais que uma coisa secundária, matéria que põe em jogo. [...] Isso é ainda mais verdadeiro no que respeita o significante linguístico; em sua essência, este não é de modo algum fônico; é incorpóreo, constituído, não por sua substância material, mas unicamente pelas diferenças que separam sua imagem acústica de todas as outras (ibid., p. 137-138).

De um movimento desde fora, ou seja, da semiologia apresentada no segundo curso, é que Saussure propõe a radical incorporeidade do significante, sendo ele puro valor, e o faz expandindo a noção para os demais sistemas de signos, “não é o metal da moeda que lhe fixa o valor” (CLG, p. 131). Este passo de Saussure é fundamental para o avanço da linguística. Entretanto, há um efeito produzido a partir dessa substância material (seja ela o som, a letra, o gesto, o metal) que é negligenciado. Hjelmslev, parece-nos, buscou dar consequência a essa substância material ao propor, para além do estudo das formas de conteúdo e de expressão, o estudo de suas substâncias. Derrida parece ir nesse mesmo caminho. É, porém, Lacan que, na leitura dos estudos saussurianos sobre os anagramas, aponta o trabalho desenvolvido pelo genebrino ao se haver com esse real que irrompe na língua.

É nesse encadeamento que vimos pontuando que a escrita surge no capítulo do valor. Passemos, enfim, ao fragmento:

Como se comprova existir **idêntico estado de coisas** nesse outro sistema de signos que é a escrita, nós o tomaremos como **termo de comparação** para esclarecer toda a questão. De fato:

1º os signos da escrita são arbitrários; nenhuma relação existe **entre a letra t e o som que ela designa**;

2º o valor das letras é puramente negativo e diferencial; assim, a mesma pessoa pode escrever *t* com variantes tais como:



A única coisa essencial é que este signo não se confunda em sua escrita, com o do l, do d etc.;

3º os valores da escrita só funcionam pela sua oposição recíproca dentro de um sistema definido, composto de um número determinado de letras. Esse caráter, sem ser idêntico ao segundo, está estreitamente ligado com ele, pois ambos dependem do primeiro. Como o signo gráfico é arbitrário, sua forma importa pouco, ou melhor, só tem importância dentro dos limites impostos pelo sistema;

4º o meio de produção do signo é totalmente indiferente, pois não importa ao sistema (isso se deduz também da primeira característica). Quer eu escreva as letras em branco ou preto, em baixo ou alto relevo, com uma pena ou com um cinzel, isso não tem importância para a significação (CLG-br, p. 138-9).

Tal como o texto é apresentado pelos editores, a escrita é trazida à baila para confirmar os pontos nucleares da teoria elaborada por Saussure: 1. a arbitrariedade e a não referencialidade do signo; 2. seu caráter negativo e diferencial; 3. a necessidade de um sistema fechado para o funcionamento do signo e 4. a incorporeidade do significante. Mais do que isso, ao verificar as características do signo linguístico também na escrita, o fragmento legitima o lugar da semiologia como uma ciência mais ampla, que compreenderia os estudos dos diversos sistemas de signos, inclusive a linguística.

O movimento de Saussure aqui é bastante diferente daquele apresentado no capítulo sobre a representação da língua pela escrita. Se lá esta ocupava um lugar secundário, no capítulo do valor ela é tomada como um sistema de signos com “idêntico estado de coisas” ao da língua. O que fica apagado pelos editores é o local de onde o fragmento foi retirado, de forma que, onde há uma mudança de *ponto de vista* (no sentido saussuriano do termo), no encadeamento do CLG pode-se ler uma retificação, uma reformulação da parte de Saussure com relação ao lugar da escrita. Entretanto, quando nos debruçamos nas notas dos alunos, tal interpretação, a de uma retificação, parece não se sustentar. Se antes o que interessava a Saussure era a *função* representativa da escrita, nessa mudança de ponto de vista o genebrino passa a tratar do

*funcionamento* da escrita. Esse novo ponto de vista, apesar de exterior – ou talvez por isso mesmo –, afeta a essência do funcionamento da língua.

Ao retomarmos as anotações dos alunos de Saussure utilizadas para a edição do CLG, observamos alguns deslocamentos promovidos pelos editores. Engler, em sua hercúlea edição sinóptica, nos indica como fontes do fragmento acima destacado um trecho dos cadernos de Albert Riedlinger (RIE II, p. 7-8), além das notas de Léopold Gautier (G), François Bouchardy (B) e Émile Constantin (C), referentes à aula do dia 12 de novembro de 1908 (SM II 53).

Dessa leitura comparada, destacaremos dois elementos que merecem ser investigados. O primeiro ponto a se destacar é apontado por Arrivé, em *Em busca de Ferdinand de Saussure*, e diz respeito ao primeiro termo da comparação. Lá onde no CLG encontramos “nenhuma relação entre a letra t e o som que ela designa” (CLG-br, p. 138), nos cadernos dos alunos, à exceção de Gautier, que não traz anotação a respeito, lemos “não há relação entre o signo e a coisa a designar” (CLG-E, p. 269). Há uma diferença importante. Para Arrivé (2007, p. 85),

não é o som que deve ser assumido a título de significado pela letra, mas uma “coisa”. Coisa inominável por alguma outra palavra que não seja “coisa”: reconhecemos aqui, sem a menor dificuldade, o significante incorpóreo, efetivamente difícil de subtrair de seu resíduo fônico ou gráfico.

A observação de Arrivé reitera a radicalidade do incorpóreo do significante já tratada no CLG e reinsere a questão da contraparte do significante gráfico. Se mais uma vez retomarmos a diferenciação que o próprio Saussure estabeleceu entre os sistemas fonéticos e ideográficos, é o modelo chinês que se aproxima dessa concepção: não é o som, mas a “coisa a designar” que funciona como significado.

O segundo ponto, logo no início do fragmento, diz respeito ao “idêntico estado de coisas”. O que os editores estenografam como uma identidade do estado de coisas entre os dois sistemas, em Riedlinger lemos que os sistemas são “similares”, já Gautier diz que ambos os sistemas pertencem a “um mesmo domínio” e, finalmente, Bouchardy e Constantin anotam “uma mesma ordem de coisas”. De acordo com o texto, não há, à exceção de Riedlinger, uma comparação entre sistemas distintos com um funcionamento semelhante, o que se pode ler é um mesmo funcionamento presente em sistemas que compartilham uma mesma ordem de coisas. A inversão é sutil, mas em nossa leitura produz efeitos significativos.

No capítulo do CLG em que Saussure trata da representação da língua pela escrita, há um gesto de Saussure em reduzir esta à mera reprodução dos sons da língua, nem que para isso o bebê seja descartado junto com a água da bacia, como se diz popularmente: vão-se as escritas logográficas – o chinês – e mesmo as fonéticas silábicas, caso do hebraico e do árabe, por

exemplo. Resta, na bacia, o que a tradição impregnou, um certo alfabeto grego que teria uma correspondência unívoca com os sons da língua que representa, ou seja, para cada som, uma letra. Tendo dado esse passo, Saussure se vê diante de uma série de desacordos: são letras que não representam som algum – ou sons em demasia – além dos sons órfãos de representação. São esses desacordos que legitimam, no texto do linguista, a necessidade de se reformular o objeto da disciplina. A palavra escrita não compõe o signo linguístico, é unicamente a palavra falada que se faz objeto, sendo a primeira, documento da segunda. “A escrita é subordinada à língua e tem por única função representá-la”, é o que lemos nos cadernos dos alunos de Saussure.

No capítulo seguinte do CLG, destinado à fonologia, já tendo estabelecido que a maneira mais adequada de se aproximar da língua é pelo estudo dos sons, vemos certo embaraço ao se dissociar o que é escrita, ou língua escrita, do que é notação fonética. É mesmo do ralo que vem a resposta: “a imagem da palavra adquire para nós um valor ideográfico” (CLG-br, p. 44). Nesse momento percebemos o gesto de Saussure. Não se tratava de excluir a escrita dos estudos da língua, mas de torná-la uma forma possível de escrever um repetível da língua, ou seja, inscrever a linguística no campo das ciências.

Se no interior da linguística a escrita retorna como a possibilidade de objetivação da língua, fora da linguística – na semiologia – a escrita comparece enquanto sistema e, como tal, relacionável ao sistema da língua. Essa relação, que tipificamos como da ordem de uma homologia (cf. TURRA, 2018), comparece, no livro de 1916, ao se tratar do aspecto material do valor linguístico, como modelo para o estabelecimento dos axiomas desse sistema, ou seja, comparece no que há de mais interno ao sistema linguístico: seu funcionamento.

Podemos perceber que as noções de dentro/fora, interno/externo em jogo na teorização de Saussure sobre a língua não se sustentam quando pensadas a partir da lógica cartesiana, “ou dentro ou fora”. Trata-se de uma outra operação “fora, porém dentro”. Uma operação que apenas se sustenta se abandonarmos o regime da lógica clássica e adotarmos o modelo paraconsistente, em que uma proposição e sua negação podem ser ambas verdadeiras, ou seja, um regime em que o princípio da não contradição é derogado<sup>12</sup>. Nesse sentido, a psicanálise nos dá condição de pensar o movimento que lemos em Saussure ao propor, a partir desse novo lugar, a noção topológica<sup>13</sup> de ex-sistência.

<sup>12</sup> Cf. COSTA, N.C.A. (1985) “Psicanálise e lógica. Entrevista de Newton Costa a Marcio Leite e Oscar Cesarotto”.

<sup>13</sup> Referimo-nos aqui não à ciência topológica, mas ao uso que Lacan faz dessa ciência, sua “topologeria” (AMSTER, 2015, p. 19), uma topologia imersa em seu ensino.

A ex-sistência, assim, será entendida aqui como uma “operação topológica” na disjunção entre dizer e dito que tem por produto a circunscrição de um campo, o que lhe confere consistência.

Ao trazermos essa noção lacaniana para pensar a escrita na produção saussuriana, podemos estabelecer que a ex-sistência da escrita permite a Saussure construir, dar consistência, ao objeto da linguística. Mesmo a escrita funcionando como instrumento de objetivação da língua, sua condição ex-sistente faz frente ao universal e aponta para o particular da língua, do que não faz Um, de um real que não cessa de não se escrever e que diz do impasse da formalização.

Parece ser esse fora de lugar em que Saussure coloca a escrita que o possibilita escrever a linguística. A escrita, assim, ex-siste à língua, permeia o furo da língua, aponta a falha... A partir da ex-sistência da escrita, Saussure consegue escrever a des-substância da língua que ele lê noite e dia, nos anagramas e na linguística geral: a teoria do valor. Essa nossa leitura, acreditamos, vai no mesmo sentido do que afirmam Chiss e Puech (1983, p. 6):

A questão da escrita delimita, em alguma medida, do interior, o que a linguística estrutural quis reconhecer como sendo seu objeto “próprio”, fundando assim a possibilidade de uma escrita específica que a constitui enquanto ciência.

A forja de uma nova disciplina, mais geral, é fundamental para que Saussure exerça o que ele chamou de síntese, uma extração das leis fundamentais que constituem todos os sistemas de signos, a língua e a escrita incluídas, em oposição ao que acusou ser improdutivo: uma análise, que, em sua concepção, consistiria em abordar o sistema por meio dos diversos pontos de vista possíveis.

Ao compararmos com o primeiro curso, a forma como a escrita comparece no ano seguinte é fundamentalmente distinta. Em 1907 era-nos apresentado o movimento de exclusão da escrita do interior do objeto linguístico, que nesta tese consideramos crucial para o estabelecimento de uma nova forma de se fazer linguística, entretanto esse movimento de exclusão do objeto da linguística não a excluía da linguística, uma vez que haveria, para Saussure, dois eixos semiológicos e que a cada um, uma linguística seria atribuída: uma linguística da língua falada e outra da língua escrita. No curso de 1908-1909, a partir da nova disciplina – a semiologia – a escrita passa a ser entendida como um sistema de signos fora da linguística e, enquanto tal, possuidor de um funcionamento próprio.

No segundo ano de curso, após distinguir e conceituar língua e fala, Saussure introduz um alerta ao linguista<sup>14</sup>: é a escrita que permite fixar, classificar a língua no tempo, mas “deve-se distinguir cuidadosamente a palavra escrita da palavra falada e que é apenas a palavra falada o verdadeiro objeto da linguística” (RIE II, p. 6). Diante desse impasse, Saussure recorre ao antigo amigo e filólogo francês Louis Havet para destacar a relação que este estabelece entre escrita e filologia, de modo que a linguística, ao lançar mão da escrita (como objeto de estudo) se aproximaria da filologia, chegando a incorporar-se a ela, como podemos ler na sequência das notas de Riedlinger:

A importância da escrita (para a língua) não pode ser ignorada. Ela é tal que nos perguntamos se a linguística não é uma ciência filológica. O sr. Louis Havet diz que teríamos visto (a linguística) caminhar constantemente em direção à filologia e se confundir com ela. O Sr. Havet é, antes de tudo, filólogo (latim) mas em linguística merece (também uma grande) consideração (RIE II, p. 6).

Para Havet (1908, p. XXV), o lugar da escrita não é apenas uma questão técnica, mas definidora de tradições linguísticas distintas: enquanto a tradição helenística – a gramática – tem por objeto a língua escrita, a linguística, de filiação indiana, tem por objeto a língua falada: “Consideradas como objetos de estudo, as duas línguas [falada e escrita] diferem singularmente, e seu dualismo não faz senão se acusar” (ibid. p. XXVI). O linguista francês é radical ao excluir a escrita da linguística, considerada, desde Bopp, de tradição indianista e, portanto, fonológica.

O que queremos mostrar com nossa leitura é que o gesto inicial de Saussure de excluir a escrita do objeto linguístico permite com que esta atue no mais fundamental da língua, demonstrando seu funcionamento. Em nossa leitura, é justamente a homologia que se estabelece entre os dois sistemas que permite essa dobra da escrita sobre a língua. É, pois, por compartilharem um cálculo comum, uma escrita sem análogo, que os sistemas em questão se dobram um sobre o outro, a ponto, por exemplo, de serem tomados um como representação do outro<sup>15</sup>. Tais torções só foram possíveis a Saussure, em certa medida, mesmo sem o saber, no plano da semiologia.

Nesse sentido, destacamos a importância da semiologia para a relação entre língua e escrita e como isso produz efeitos quando deslocado, como o foi pelos editores. Ao realocarem esse fragmento fundamental para a delimitação da semiologia – o dos *tt* – no capítulo sobre o

<sup>14</sup> Isso deve ser enfatizado. O alerta é dirigido para aqueles que buscam tomar a língua enquanto objeto de uma ciência e não para o sujeito falante, o que destaca o movimento de Saussure com a escrita no que diz respeito à constituição da linguística e não à escrita enquanto sistema de signos.

<sup>15</sup> É a própria homologia a permitir que se diga que a escrita representa a língua, e que isso funcione até certo ponto.

valor, Bally e Sechehaye tomam uma decisão editorial e teórica: reforçar os axiomas da linguística por meio de uma “bela comparação” em detrimento de uma maior visibilidade à nova ciência vislumbrada por Saussure, a semiologia.

## Conclusão

O movimento de Saussure com relação à escrita no capítulo da “Introdução” do CLG está diretamente ligado à ruptura com a filologia de Wertheimer e diz respeito exclusivamente ao trabalho do linguista. Ao seguimos o texto de 1916 até o capítulo da fonologia, por exemplo, vemos que o uso que o genebrino faz da escrita é distinto para o linguista e para o sujeito falante. Para este, a escrita é ideográfica, enquanto que para o linguista ela serve para transcrição da língua. A redução que o filósofo faz da compreensão de Saussure sobre a escrita para permitir a elaboração de sua ideia de “arquiescritura” pode ser questionada a partir de elementos presentes no próprio CLG, sem a necessidade de uma leitura dos manuscritos autógrafos ou dos cadernos dos alunos.

A edição de Bally e Sechehaye, como qualquer trabalho editorial, com seus cortes, torções e deslocamentos, não apaga o fazer de Saussure com a escrita. É fundamentalmente a partir do fragmento realocado no capítulo do valor que Chiss e Puech (1986) leem uma alternativa para se pensar, com Saussure, a escrita para além da representação. É enquanto operação de formalização que a escrita assumiria um papel no capítulo do valor.

Nesse sentido, a homologia que sustentamos haver entre os dois sistemas nos possibilita pensar a proposta de Chiss e Puech como essa dobra da escrita, desde fora, ao estrutural da língua. Essa dobra, porém, se dá a partir disso que o psicanalista Moustafa Safouan, trazido pelos autores, considera uma consequência da linguagem, o fato de esta implicar a possibilidade da escrita, uma proposição que parece estenografar o movimento que lemos em Saussure de uma delimitação exterior da escrita, mas que não exclui um dentro.

## Referências

- AMSTER, P. (2015). *Notas matemáticas para ler Lacan*. São Paulo: Scriptorium.
- ANDRADE, C. *Lacan chinês – poesia, ideograma e caligrafia chinesa de uma psicanálise*. Maceió: Edufal, 2016.
- ARRIVÉ, M. (2007). *Em busca de Ferdinand de Saussure*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

BENVENISTE, É. (1969) Aula 12 – 3 de março de 1969. *Últimas aulas no Collège de France 1968-1969*. São Paulo: Editora Unesp, 2014. p. 155-159.

CHISS, J.-L.; PUECH, C. (1983) La linguistique et la question de l'écriture : enjeux et débats autour de Saussure et des problématiques structurales. *Langue française*. n.59, 1983. pp. 5-24. Disponível em <[www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lfr\\_0023-8368\\_1983\\_num\\_59\\_1\\_5162](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lfr_0023-8368_1983_num_59_1_5162)>. DOI: 10.3406/lfr.1983.5162. Acesso em: jun 2018.

CHISS, J.-L.; PUECH, C. (1986). O Cours de linguistique générale e a representação da língua pela escrita. In: CATACH, N. (Org.) *Para uma teoria da língua escrita*. São Paulo: Editora Ática, 1996.

CONSTANTIN E. [C III-GM] (2005). Linguistique générale, Cours de M. le Professeur de Saussure, 1910-1911. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 58, Genebra: Droz, 2005. p. 83-290.

COSTA, N.C.A. (1985) Psicanálise e lógica. Entrevista de Newton da Costa a Marcio Leite e Oscar Cesarotto. *Revirão*, n. 3, Rio de Janeiro: Aoutra, dez. 1985. Disponível em: <[http://www.pucsp.br/psilacanise/html/revista01/19\\_rev\\_entrevista\\_01.htm](http://www.pucsp.br/psilacanise/html/revista01/19_rev_entrevista_01.htm)>. Acesso em: jun 2018.

DE MAURO, T. (1967). Notes biographiques et critiques sur F. de Saussure. In SAUSSURE, Ferdinand de (1916). *Cours de linguistique générale*, édition de Charles BALLY et Albert SECHEHAYE, Genève, Payot, 2005. p. 319-404.

GADET, F. (1987). *Saussure – une science de la langue*. Paris: Presses universitaires de France.

GODEL, R. [SM] (1957). *Les sources manuscrites du cours de linguistique générale*. Genebra: Droz, 1969.

HAVET, L. (1908) Mélanges de linguistique offerts à M. Ferdinand de Saussure. *Bulletin de la Société de linguistique de Paris*. Société de linguistique de Paris. 1910.

LACAN, J. (1957) A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 496-533.

LACAN, J. (1972-1973) *Seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

MILNER, J.-C. (1978) *O amor da língua*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2012.

MILNER, J.-C. (1989) *Introduction à une science du langage*. Paris: Éditions du seuil.

MILNER, J.-C. (1995) *A obra clara: Lacan, a ciência, a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

MILNER, J.-C. (2002). *Le périple structural – figures et paradigme*. Paris: Seuil.

NORMAND, C. (1978) Saussure : un moment dans une histoire. *Langages*, 1978, n. 49, p. 3-4.

PUECH, C. (2000). « L'esprit de Saussure : réception et héritage (l'héritage linguistique saussurien : Paris contre Genève) », *Les dossiers de HEL*, Paris, SHESL, 2013, no 3. Disponível em: <<http://htl.linguist.univ-paris-diderot.fr/num3/puech.pdf>>. Acesso em: jun 2018.

PUECH, C. (2008). Qu'est-ce que faire l'histoire du « récent » ? In Durand J. Habert B., Laks B. (éds.). *Congrès Mondial de Linguistique Française*, Paris, 2008, Institut de Linguistique Française. Disponível em: <<http://www.linguistiquefrancaise.org>>. DOI 10.1051/cmlf08334. Acesso em: jun 2018.

RIBEIRO, P.A. (2016). O efeito Saussure. In SOUZA; NAGEM; BALDINI (orgs.). *A palavra de Saussure*. São Carlos – SP: Pedro & João Ed. p. 323-333.

SAUSSURE, F. (1916) *Curso de linguística geral*. BALLY, C.; SECHEHAYE, A. (orgs.), Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein, prefácio à edição brasileira de Isaac Nicolau Salum (1970). São Paulo: Cultrix, 2002.

SAUSSURE, F. (1916). *Cours de linguistique générale*, édition de Charles BALLY et Albert SECHEHAYE, Genève, Payot, 2005.

SAUSSURE, F. [CLG-E] (1916). *Cours de linguistique générale*. Tome 1, édition critique de R. Engler, Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1968.

SAUSSURE, F. [RIE I] (1907). *Premier cours de linguistique générale*. D'après les cahiers d'Albert Riedlinger, édition d'Eisuke KOMATSU et George WOLF, Amsterdam, Elsevier, 1996.

SAUSSURE, F. [RIE II] (1908-1909). *Deuxième cours de linguistique générale*. D'après les cahiers d'Albert Riedlinger et Charles Patois, édition d'Eisuke KOMATSU et George WOLF, Amsterdam, Elsevier, 1997.

SOFIA, E. [CS] (2015) (ed.) La 'Collation Sechehaye' du 'Cours de Linguistique générale' de Ferdinand de Saussure. Édition, introduction et notes par Estanislao Sofia. Leuven, Paris, Bristol : Peeters.

TESTENOIRE, P.-Y. (2016) Sur la conceptualisation de la " langue écrite " dans les théorisations linguistiques du début du XXe siècle. *Dossiers d'HEL*, SHESL, 2016, Écriture(s) et représentations du langage et des langues, 9, p.34-46. Disponível em: <<http://htl.linguist.univ-paris-diderot.fr/hel/dossiers/numero9>>. Acesso em: jun 2018.

TRABANT, J. (2005) Faut-il défendre Saussure contre ses amateurs ? Notes item sur l'étymologie saussurienne. In: *Langages*, 39e année, n°159. p. 111-124; DOI : 10.3406/lgge.2005.2655. Disponível em: <[www.persee.fr/doc/lgge\\_0458-726x\\_2005\\_num\\_39\\_159\\_2655](http://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_2005_num_39_159_2655)>. Acesso em: jun 2018.

TURRA, Bruno Molina. *Ferdinand de Saussure e seu saber fazer com a escrita ou do que se circunscreve de um enigma*. 2018. 1 recurso online (225 p.). Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP.

Anexo

Reprodução de fragmento do manuscrito *Collation Sechehaye*, p. 463. Conservado na BGE, sob a cota Cours univ. 432-433.

